

COMO VAI O SISTEMA DE COMUNICAÇÃO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO?

Hagar Espanha Gomes
Coordenadora da Pós-Graduação em
Ciência da Informação do IBICT

Datam de 1968 as primeiras atividades de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil, especificamente na área de Documentação Científica, que é um de seus campos de aplicação. Tais atividades podem ser consideradas, mais exatamente, como de pesquisa e desenvolvimento e se concentraram nos aspectos de automação. Na década de 70 surgiram cinco cursos de pós-graduação, que devem estar consolidando as atividades de pesquisa na área.

Decorridos dez anos, acredita-se que tenha havido melhoria no desempenho dos profissionais e que tenha sido possível formar pesquisadores, finalidade precípua da pós-graduação. Tudo isso, provavelmente, deve estar refletido na literatura. E uma das variáveis que podem ser levadas em consideração são os canais de comunicação utilizados pelos autores, embora eles não possam ser vistos de maneira isolada porque existe uma certa implicação de fundo, conforme o tipo de canal escolhido. Além disso, para compreender o que se passa na área, são necessários outros elementos fornecidos pela percepção. Um argumento em favor da análise dos canais de comunicação utilizados pelos autores é o fato de já haver um consenso a respeito da função de cada um deles.

O que a bibliografia nos mostra, entretanto, é que o sistema de comunicação não vai bem. O uso dos diversos canais formais tem sido

inadequado e isso tem prejudicado a qualidade da literatura produzida.

Pretende-se, aqui, mostrar algumas disfunções e sugerir pequenas alterações no sistema, para que, de alguma forma, se melhorem os resultados, muito embora se saiba que outros fatores deverão ser considerados para que a Ciência da Informação, como um todo, melhore. Mas isso é outro assunto. Tomaram-se, para uma primeira apreciação, os dados da Bibliografia Brasileira de Documentação – IBBDoc - , 1978-1980, do IBICT.

Ela registra 3.750 trabalhos independentes, quase todos apresentados em congressos, 2.139 trabalhos publicados em revistas não-especializadas e 450 em revistas especializadas.

COMUNICAÇÕES EM CONGRESSOS

Antes de caracterizar as comunicações apresentadas em congressos, é bom lembrar as funções dos congressos propriamente ditos.

Congressos são estruturas formais que propiciam o encontro de pessoas com interesses comuns numa determinada área do conhecimento, com objetivo de intercâmbio e/ou comunicação. Tal intercâmbio e/ou comunicação se dão de maneira informal, direta e, de certa maneira, até previsível. O impacto da comunicação interpessoal em tais ocasiões é tão importante para o desenvolvimento da Ciência que tem sido objeto de estudo nos últimos 15 anos.¹

¹ Garvey e sua equipe estudaram o papel dos congressos e transferência de informação entre autores de comunicações e participantes, em diversas comunidades científicas. Os resultados estão divulgados em algumas dezenas de artigos e consolidados em seu recente livro

A apresentação de um texto integral, nessas ocasiões, perde em importância para a comunicação oral. A atitude de alguns autores ao distribuir, durante um congresso, cópia do texto integral de sua comunicação pode ser explicada como uma intenção de estabelecer maior contato com seus colegas; por isso mesmo não têm preocupação de divulgar um texto acabado e, em geral, para não comprometer sua reputação, não permitem citação do mesmo.

O percurso das comunicações de pesquisa até o produto final, sob a forma de artigo, é mais ou menos o mesmo, com pequenas variações, entre diversas disciplinas científicas.² O que caracteriza o artigo como produto final é que ele já passou por todos os controles de qualidade, desde a discussão informal com colegas em seminários internos, até o julgamento formal por colega (s) de alto nível, como o avaliador da revista científica.³

Isso explica por que os organizadores de congressos científicos exigem apenas o envio de um resumo de comunicação e não o texto integral.

TRADIÇÃO DA ÁREA

O que o BBDoc fornece é um quadro bastante diferente e, para entendê-lo, alguns dados de percepção são úteis.

Por exemplo, há uma certa tendência, no Brasil, de publicar trabalhos de congressos no que se convencionou chamar de “Anais”. O dicionário do Aurélio informa que “Anais” são a

Communication, the essence of science (Oxford, Pergamon Press, 1979).

² Op. Cit. P. 134 passim.

³ ZIMAN, J. **Conhecimento público**. São Paulo, EDUSP, 1979.

crônica ou o registro dos fatos. Assim, “Anais de Congressos” seriam o registro das comunicações apresentadas mais discussões havidas na ocasião; seu aparecimento, obviamente, deveria ocorrer após o congresso. Em vez disso, os organizadores fazem um grande esforço para que, na semana do congresso, o volume dos “Anais” seja entregue aos participantes. Por esse motivo, solicitam o envio do texto completo com antecedência de 5 meses. Autores de comunicações e conferencistas convidados obedecem às mesmas normas, geralmente.

Acontece que o teor das mensagens é diferente, e os autores não devem ter o mesmo tratamento.

Quando se exige que uma comunicação de pesquisa seja registrada com quase seis meses de antecedência de sua divulgação, pode-se esperar que os fatos novos ocorridos neste lapso de tempo não serão relatados, o que é improvável; mas, se o forem, haverá diferença entre a comunicação escrita e a oral.

Isso já não acontece com um texto de conferência, que, via de regra, visa à apresentação de temas relevantes para reflexão e análise; o lapso de tempo não se constitui, pois, num fator preponderante.

Outro ponto a considerar é o caráter inclusivo dos “Anais”; não há seleção, e todas as comunicações são publicadas, mesmo as do tipo “minha biblioteca faz”.

Não se pode esquecer, contudo, que tem contribuído para esse estado de coisas a atuação de firmas especializadas em organizações de congressos. Elas têm a “fórmula para o sucesso”, que funciona para os encontros que visam ao

congraçamento de profissionais, mas não para aqueles de caráter científico.

De certo modo essas firmas, na ânsia de publicar os trabalhos (é bom lembrar que os custos das publicações estão incluídos na inscrição), estão competindo com as revistas. Competem, e mal, exatamente por não dispor do controle de qualidade tradicionalmente aceito pelos pesquisadores, que é o avaliador (**referee**).

Ficam bastante claras, agora, as implicações desses comportamentos na literatura da Ciência da Informação.

COMO OTIMIZAR O USO DOS CANAIS

Se se deseja conquistar um espaço entre as disciplinas científicas, é preciso, antes de tudo, utilizar os canais de comunicação adequadamente. E isso resultará na melhoria da produção bibliográfica, pois, em cada canal, terão sido utilizados os mecanismos de controle de qualidade adequados.

Assim, os organizadores de congressos poderiam fazer exigências diferentes para autores de comunicações e para conferencistas. Aos primeiros se solicitaria apenas um resumo (com mais ou menos detalhes, segundo o objetivo do encontro); aos segundos, o texto na íntegra. O número de comunicações recebidas dentro do prazo estabelecido pelos organizadores permitiria dimensionar as sessões e a divulgação do volume dos Resumos, na semana do congresso, daria aos participantes oportunidade de identificar as sessões mais interessantes para eles. Editores de revistas teriam, então, oportunidade de detectar temas de interesse e de estabelecer contatos diretos com seus

autores. Vice-versa, os próprios autores, na ocasião oportuna, poderiam submeter seus trabalhos a esta ou àquela revista. E ter um trabalho aceito para publicação significa que ele passou pelo controle de qualidade do avaliador, isto é, que recebeu o aval de um especialista.

Quando há uma comunidade atuante, agressiva, as “cartas aos editores” ainda complementam o sistema de controle de qualidade e podem, até mesmo, se constituir em outros mecanismos igualmente válidos.⁴

Para os trabalhos encomendados, como conferências, seria igualmente desejável, em nome da qualidade, que sua publicação ocorresse após a reunião, para que seus autores tivessem oportunidade de fazer as modificações porventura resultantes da interação com colegas.⁵

Essas pequenas alterações resultariam não apenas na melhoria dos trabalhos publicados, mas, sobretudo, possibilitariam aos jovens pesquisadores estabelecer uma tradição de debates e questionamentos – coisa pouco comum na área -, que têm de ser estimulados se realmente se deseja formar pesquisadores. Na realidade, o congresso de âmbito nacional é o mais comum entre nós e poderia ser utilizado como uma das últimas etapas de apresentação informal⁶ entre colegas. Muitas outras oportunidades de debates já deverão ter sido oferecidas aos pesquisadores, mas

⁴ Essas colocações foram feitas pela Profª Gilda Maria Braga, PhD, do IBICT, num outro contexto, mas se aplicam perfeitamente aqui.

⁵ Essa é uma prática seguida pelo ASLIB proceedings, que inclui as discussões havidas, enriquecendo, por vezes, o texto do conferencista, outras vezes registrando discordâncias entre os debatedores.

⁶ GARVEY, op. Cit.

isso não é nossa preocupação neste trabalho.

A adoção das práticas aqui sugeridas vai, seguramente, melhorar a comunicação entre os especialistas. Aumentar essa interação significa melhorar, num prazo mais curto, o nível dos especialistas e, conseqüentemente, da literatura, que é fundamental para tornar a infra-estrutura da pesquisa no País.⁷

E, certamente, o BBDoc dos próximos anos poderá mostrar uma situação bem diferente da atual.

⁷ A esse respeito, cf. M. MORAVCSIK, The development of Science in less developed countries, cap. 4, em que o autor considera fundamental para o desenvolvimento da Ciência num país desenvolvido a existência de uma literatura “doméstica”. Traduções ajudam; o importante, porém, é que a literatura “doméstica” favorece a formação de uma “massa crítica” em menor tempo.